

'Assistencialismo é uma vergonha'

FH diz que, em vez de comemorar distribuição de cestas básicas, é preciso distribuir emprego

Roberto Stuckert Filho

Cristiane Jungblut e Isabel de Paula

BRASÍLIA

Ao lançar ontem o programa Comunidade Ativa, destinado a estimular o desenvolvimento econômico de municípios mais pobres, o presidente Fernando Henrique Cardoso afirmou que distribuir infinitamente cestas básicas é "uma vergonha". Fernando Henrique disse que é preciso mudar a natureza dos programas de ajuda às populações carentes, acabando com o assistencialismo. Para isso, anunciou o projeto Comunidade Ativa, concebido pelo programa Comunidade Solidária, que pretende estimular os municípios rurais mais pobres a executar ações alternativas de combate à miséria. Cada município vai assinar um contrato de parceria com o Governo federal, com a duração de dois anos, pelo qual receberá recursos para seus projetos. Em troca, terá de melhorar indicadores sociais, como a mortalidade infantil e o ensino básico. Quem cumprir as metas será premiado. Os demais perdem o privilégio.

"É preciso evitar a globalização com exclusão, inscrita na ordem natural das forças darwinistas de mercado"

FERNANDO HENRIQUE CARDOSO

Apesar de o Governo capitalizar distribuições recordes de cestas básicas, o presidente criticou esse tipo de comemoração. No ano passado, foram distribuídas 30 milhões de cestas básicas.

— Não podemos continuar a ter programas de cesta básica indefinidamente, porque isso é uma vergonha. Fico espantado quando se vê, como se fosse um êxito, distribuímos mais cestas básicas. Meu Deus! Temos que distribuir mais empregos! Temos que criar mais iniciativa, que dar mais dignidade à condição humana para que as pessoas possam dispensar o assistencialismo — disse o presidente, acrescentando que é "preciso ensinar a pescar o peixe".

Mas ele deixou claro que isso não significa o fim da distribuição de cestas básicas e sim "uma mudança de foco" do Governo. O Comunidade Solidária con-

tinuará distribuindo cestas nos 1.369 municípios do mapa da fome, mas quer atraí-los para o novo programa.

Lembrando a época de sociólogo, Fernando Henrique explicou que o Brasil tem que se preparar para participar da globalização econômica. Disse que é preciso promover o desenvolvimento das pequenas localidades, através do que chamou de "redes", com a participação dos setores público e privado e do chamado terceiro setor, as ONGs. Ele insistiu em que é preciso capacitar o trabalhador para essa nova realidade.

— Ou o Brasil entra como uma sociedade mais dinâmica no mundo que vai se formando no próximo século, ou estaremos condenados à irrelevância e à pobreza, à miséria, à exclusão. Criamos nossas concepções na idéia de que o

sistema capitalista era a exploração do homem pelo homem. Agora é pior. Tem aqueles que não servem nem para serem explorados. É de desespero a situação.

Ele criticou indiretamente a idéia de que o mercado financeiro está acima de outros interesses.

— É preciso evitar a tendência a essa globalização com exclusão crescente. Essa tendência de exclusão está inscrita na ordem natural das forças darwinistas de mercado. Se não houver ação da sociedade, do Estado, do Governo, no sentido moderno de articulação, vamos condenar uma parte da população brasileira ao desespero. E moralmente é inaceitável isso — disse.

Ele reclamou dos nomes dos programas do Governo. Citou o caso do Proger (Programa de Geração de Emprego e Renda), mencionando também o PPA (Plano Plurianual) e o MOG (Ministério do Orçamento). Disse que esses nomes não são entendidos pela população.

Os nomes são sempre feios, mas a ação é boa — disse ele, ao lado da primeira-dama Ruth Cardoso e tendo na platéia governadores e a primeira-dama do Rio, Rosinha Matheus.



FERNANDO HENRIQUE e dona Ruth Cardoso, já dentro do carro, deixam o Palácio do Planalto, depois do lançamento do Comunidade Ativa